



A afirmação identitária no processo educativo da comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga: o papel da oralidade, da memória e da consciência política na formação dos sujeitos

Agda Marina F. Moreira

José Eustáquio de Brito

Universidade do Estado de Minas Gerais

Agda.quilombos@gmail.com

eustaquio.uemg@yahoo.com.br

Resumo:

Para além das questões diretamente ligadas à modalidade da Educação Escolar Quilombola, o olhar acerca dos processos educativos produzidos pelos remanescentes de quilombos, torna-se importante objeto reflexivo para se compreender a formação desses sujeitos que se autodenominam enquanto quilombolas e que reivindicam seus direitos enquanto sujeitos de direito, sendo estes, parte de um processo educativo específico. Tal formação apresenta-se como uma relação pautada pela subjetividade, sendo inúmeros modos de fazer parte constituinte daquilo que podemos definir como uma cultura tradicional desses grupos, sendo sua reprodução constituída em sua cotidianidade, nas relações interfamiliares entre as diferentes gerações. Sendo parte das reflexões que emergem da observação participante realizada junto à comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, como parte da pesquisa de mestrado que se encontra em construção, buscaremos apontar alguns elementos que se fazem presentes neste processo. Considerando que a educação quilombola tem seu início ainda na vida cotidiana da comunidade e na participação de seus sujeitos junto às mobilizações do movimento quilombola, nosso enfoque se dará na discussão acerca da relevância que tais aspectos tem na constituição do “ser quilombola”, enquanto sujeitos que apresentam uma consciência de grupo e que possuem estreito sentimento de pertencimento a um grupo de características e trajetória etnicamente diferenciados.

Palavras-chave: Educação quilombola, oralidade, memória, movimentos sociais e identidade étnica.

INTRODUÇÃO

As interações sociais estabelecidas no interior das comunidades remanescentes de quilombos e as práticas educativas construídas entre seus sujeitos é o pano de fundo



das discussões que faremos ao longo deste trabalho, sendo este, síntese das observações preliminares obtidas mediante observação in loco e das interações junto ao movimento quilombola estadual. Tal interação é fruto de atuação profissional prévia junto às comunidades quilombolas do estado de Minas Gerais mediante desenvolvimento de projetos sociais¹. Organizados em coletivos de âmbito municipal e estadual, lideranças quilombolas reivindicavam direitos que lhes foram historicamente negados, tendo no direito ao território, sua principal reivindicação. Proferindo um discurso praticamente comum, lideranças de inúmeras comunidades e regiões do estado endossavam a luta por direitos mediante retomada de uma “memória do cativo”, buscando no passado e nas desigualdades sociais impostas por ele, os elementos que pudessem legitimar sua luta na atualidade. Evocando questões como identidade étnica, tradição e cultura diferenciada, os membros da N’Golo traziam à cena política elementos que pudessem legitimá-los como sendo descendentes diretos de negros escravizados.

Diante de tal prerrogativa, algumas questões apontaram para a existência de lacuna que se colocava a nós, mediante incursões às comunidades quilombolas. Partindo do pressuposto de que a promulgação de direitos estimulou a ascensão desses grupos no cenário político e sua organização enquanto movimento articulado (Cunha, 2009), a questão que se colocava era a de compreender “Como?” o processo de identificação e auto reconhecimento se estabeleceu entre o grupo.

Localizada na área urbana do município de Bom Despacho, região centro-oeste de Minas Gerais, a comunidade de Carrapatos da Tabatinga é composta por cerca de 100 famílias. Oriundos do município de Bom Sucesso, a comunidade é fruto da migração forçada de inúmeras famílias ameaçadas por fazendeiros que passaram a invadir o território quilombola, ainda na década de 70. Vale ressaltar que a região é uma das maiores produtoras de leite, sendo a expansão territorial para a criação de gado um fator comum na região. Entretanto, grande parte da comunidade não se identifica como remanescente de quilombo, sendo a temática defendida por uma família em específico,

¹ Atuação da presente autora enquanto Coordenadora Executiva junto à ONG Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES).



tendo por matriarca, liderança política e religiosa, Dona Sebastiana. Uma de suas principais características – fator determinante na escolha respectiva comunidade enquanto “objeto” de pesquisa – da comunidade se dá a sua atuação política, em âmbitos estadual e nacional, contando com lideranças de expressividade junto ao movimento quilombola instituído. Divididos entre jovens e adultos, essas lideranças possuem atuação em cargos de diretoria junto à Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ) e à Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais (N’Golo), além de atuarem em diversos Conselhos, Comitês e Grupos de Trabalho que discutem os dispositivos legais voltados ao grupo em questão. Outro fator relevante que despertou nosso interesse pela pesquisa é a participação de crianças e jovens nas manifestações culturais e sua assimilação com a questão quilombola, possuindo uma fala “homogênea” acerca de sua concepção, enquanto grupo, perceptível nos espaços de reivindicação política.

Mediante observações preliminares, foi possível verificar uma estreita relação entre a participação dos sujeitos quilombolas junto ao movimento instituído e sua formação enquanto sujeitos engajados, sendo ambos, parte integrante do processo educativo desenvolvido nas comunidades quilombolas, processo de suma relevância para compreendermos a mobilização desses grupos em prol de direitos e suas formas de educar-se cotidianamente, sendo os processos educativos pouco valorizados pela Educação formal. A partir daí, buscamos em nossa pesquisa compreender as formas de educar no quilombo, tendo em sua matriz africana seus aportes e características fundantes, mesmo estando em constante re-atualização, tendo por objetivos:

- Identificar e analisar os processos educativos existentes no quilombo observando o papel da transmissão oral dos saberes enquanto instrumento formativo e de afirmação identitária entre as diversas gerações;
- Verificar a influência que o movimento quilombola, mediante participação de seus membros nessas mobilizações, exerce sobre o processo educativo na comunidade e na conseqüente formação identitária dos sujeitos que a compõem;



- Compreender o papel das narrativas na construção de um discurso coletivo quilombola.

A experiência torna-se elemento fundamental para compreendermos os processos educativos reproduzidos nas comunidades remanescentes de quilombos, o que englobaria diversos aspectos relacionados ao que estamos designando aqui como experiência, fazendo-se necessária discutirmos um pouco mais acerca deste conceito antes de adentrarmos em suas especificidades. O reconhecimento da experiência na formação desses sujeitos e sua importância para a Educação torna-se de extrema relevância para compreendermos a formação desses sujeitos que se reconhecem como quilombolas. Para tanto, a compreensão de aspectos como tradição, identidade, memória e oralidade torna-se imprescindível para que haja uma compreensão ampla acerca do processo educativo dessas comunidades, que tem na transmissão intergeracional o ponto chave para o problema que aqui se coloca.

Sendo assim, a Educação pode sintetizar ideias, valores, crenças e condutas que interligam determinadas comunidades (grupos sociais), podendo ser uma fração do modo de vida dos grupos que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura (BRANDÃO, 2007, p. 10). Aqui, o autor traz algumas reflexões sobre o processo de se educar em aldeias, tendo por referência os espaços de educação cotidianos, relacionados à vivência em comunidade e a transmissão de valores étnicos entre as populações tradicionais. Contrapondo a um modelo educacional orientado pela divisão social do trabalho e pelo poder, que rompe com as formas interacionistas de transmissão do saber, a Educação passa a assumir uma característica muito mais preocupada com a formação social desses sujeitos (tendo em vista sua formação enquanto profissional) do que com as formas “tradicionais” de se transmitir conhecimentos. A ruptura com as culturas primitivas, frente às concepções modernas de relação impostas pela sociedade em transição, desvalorizam as práticas ancestrais de construção do saber, sendo estas minimizadas diante da constituição de um conhecimento empírico.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Para obter tal reconhecimento os grupos historicamente invisibilizados – principalmente as populações tradicionais que mantiveram formas próprias de reprodução socioeconômica e de relação específica com os territórios que ocupam – encontraram na cultura os elementos que “comprovariam” sua legitimidade como tal. Trazendo o conceito de cultura com aspas, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009) aponta que a emergência da afirmação das “novas culturas” insere-se no contexto de um modelo imposto aos grupos colonizados pelos grupos hegemônicos, criando novas formas de relação e categorias culturais para distinguir os diferentes grupos humanos, impondo uma distinção que, segundo a autora, seria uma resultante do mundo moderno. O advento da cultura imporia uma distinção entre os grupos periféricos que passariam a ser valorizados por sua cultura diferenciada, migrando da produção de uma cultura em si para a reprodução de uma cultura para si.

Apesar de construir sua análise em torno dos direitos intelectuais – partindo do estudo de caso dos embates entre etnias indígenas da Amazônia com a indústria farmacêutica que se apropriou dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais para a produção industrializada de medicamentos – a autora traz à luz reflexões relevantes em torno do reconhecimento dos saberes e das culturas tradicionais. A afirmação das culturas tradicionais é designada por ela como cultura com aspas, uma vez que não se restringiria a modos de fazer cotidianos, mas que ganhariam uma expressividade maior no reconhecimento desses grupos no campo dos direitos, sendo a “externalização” das culturas tradicionais um movimento politicamente pensado. Segundo a autora:

Do mesmo modo, a “cultura”, uma vez introduzida no mundo todo, assumiu um novo papel como argumento político e serviu de “arma dos fracos”, o que ficará particularmente claro nos debates em torno dos direitos intelectuais sobre os conhecimentos dos povos tradicionais (p. 312).

A proposta de uma educação escolar quilombola situa-se num quadro político mais amplo, tendo nas emergências de novos saberes e do rompimento de um pensamento científico, tido como única fonte do saber. Boaventura de Sousa Santos (2010) propõe a superação de uma visão unilateral que tem na ciência sua fonte de legitimidade incontestável, sendo fruto de uma herança eurocêntrica de construção do



conhecimento. Influenciada pelo sistema capitalista que tem seus aportes na legitimação de uma produção contínua de uma diferença epistemológica (SANTOS, 2010). Para o autor, tal relação foi responsável pelo silenciamento de inúmeras práticas e formas de saber existentes em todo o mundo, resultando numa lacuna entre o Norte e o Sul, sendo um mais prestigiado do que outro. Nesse sentido, ao invisibilizar as práticas que emergem dos grupos subalternos, o sistema impõe formas de regulação social, responsáveis pela manutenção das exclusões e desigualdades diversas:

A atual reorganização global da economia capitalista assenta, entre outras coisas, na produção contínua e persistente de uma diferença epistemológica, que não reconhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e que por isso se constitui, de fato, em hierarquia epistemológica, geradora de marginalizações, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos (SANTOS, 2010, p. 153).

Contrapondo-se a uma concepção de que o conhecimento científico, empiricamente constituído, estaria acima de qualquer forma de produção de conhecimento, a emergência dos saberes tradicionais/populares trazem para as discussões em torno da educação novas formas de se conceber os processos educativos e sua relevância na constituição dos sujeitos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada na presente pesquisa buscou privilegiar alguns aspectos que antecederam nossa inserção no âmbito da pesquisa propriamente dita, obtendo subsídios em observações realizadas ao longo de nossa trajetória profissional. Tal interação coloca algumas questões que devem ser consideradas em nosso processo, uma vez que o desejo de pesquisa emerge de uma troca de experiências junto ao movimento quilombola, o que coloca o pesquisador num lugar de certa proximidade junto ao seu objeto. A relação entre prática profissional e pesquisa científica torna-se elemento das discussões que buscamos discorrer ao longo do texto, sendo parte das indagações que suscitaram de nosso processo de pesquisa.

Um dos primeiros pontos a ser considerado relaciona-se a impossibilidade de neutralidade na pesquisa, uma vez que o pesquisador vai a campo carregado de



concepções pré-estabelecidas que vão desde um quadro teórico delimitado, até um olhar carregado, ideologizado e alimentado por suas experiências profissionais. Em sua obra *Segredos e truques da pesquisa* (2008), Becker encontra em Blumer subsídios para demonstrar que nenhum pesquisador nas ciências sociais traz a neutralidade para o processo de pesquisa. O autor afirma que o pesquisador utiliza-se de imagens, sendo estas: *Constituídas por suas teorias, pelas crenças correntes em seus próprios círculos profissionais e por suas ideias de como o mundo empírico deve ser construído de modo a lhe permitir seguir seu procedimento de pesquisa* (BECKER, 2008, p. 32).

A subjetividade existente na relação entre os sujeitos quilombolas – considerando os inúmeros aspectos relacionados à sua vivência, práticas e saberes constituídas nas relações cotidianas – somadas ao olhar externo e às relações estabelecidas entre observador-observado nos coloca uma responsabilidade ainda maior acerca do processo de pesquisa, o que exige um maior rigor na definição metodológica, sendo a observação participante o método adotado nessa etapa preliminar. A observação participante pressupõe uma imersão do pesquisador à vida cotidiana dos sujeitos de seu campo de pesquisa, o que irá propiciar uma descrição mais detalhada acerca do mesmo, tendo na subjetividade um elemento que pode ser captado mediante vivência junto à comunidade.

Em sua obra *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* (1986), Ludke e André apontam o cuidado que o pesquisador deve ter ao se colocar no lugar daquele que observa, uma vez que sua interação jamais será neutra, devendo-se considerar aspectos relativos à trajetória, história pessoal, grupo social no qual estão inseridos, opções teóricas, dentre outros.

O ato de observar assume papel essencial para a boa execução da pesquisa, cabendo um cuidado e um diálogo com as teorias previamente definidas. Por outro lado, devemos considerar que não existe uma observação completa, que demonstre todos os elementos que se busca identificar em seu objeto, sendo: [...] a noção de observação completa evidentemente não tem sentido algum, uma vez que observar é sempre selecionar, estruturar e, portanto, abandonar o que não se utiliza (FOUREZ, 1995, p. 45).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante incursões de observação participante junto à comunidade, acompanhando-a em sua vida cotidiana, suas relações interfamiliares e observando alguns de seus aspectos culturais é possível fazer algumas indicações preliminares. Contudo, não podemos considerar tais aspectos como resultados de pesquisa, uma vez que, na discussão que buscamos fazer ao longo deste trabalho, foi considerado apenas um dos métodos a serem aplicados na pesquisa, já que a mesma encontra-se em andamento, o que exigiria um trabalho de *triangulação de métodos* para se chegar a um “produto final” de pesquisa, uma vez que:

[...] a triangulação metodológica envolve um processo complexo de comparar cada método com o outro de forma a maximizar a validade dos esforços de campo. A avaliação não pode ser derivada somente de princípios fornecidos em manuais de pesquisa; ela é um processo emergente, contingente em relação ao investigador, a seu contexto de pesquisa e a sua perspectiva teórica (FLICK, 2009, p. 66).

Nessa perspectiva, apresentaremos a síntese das observações preliminares obtidas mediante imersão junto ao grupo – incluindo o acompanhamento da principal festividade de caráter cultural e religiosa ainda preservada pela comunidade - o Reinado - e da observação de lideranças da comunidade em reuniões de articulação política, aos quais pudemos acompanhar. A partir daí, observamos alguns aspectos como parte integrante do processo educativo existente na comunidade, que tem por característica principal o papel desempenhado pela matriarca, Dona Sebastiana, aos quais podemos elencar os seguintes itens:

- A figura de uma pessoa referência na comunidade talvez seja a principal responsável pela mobilização e identificação dos demais membros a uma identidade supostamente coletiva, tendo na memória de um passado de resistência de seus antepassados escravizados o principal eixo de ligação entre passado e presente, o que justificaria sua luta na atualidade;



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

- O envolvimento de crianças e jovens e sua inserção junto às manifestações culturais da comunidade é um dos aspectos fundamentais na concepção de uma identidade coletiva e do sentimento de pertencimento que os mesmos demonstram. Um dos aspectos mais interessantes de ser observado é a participação ativa dos jovens em eventos de cunho político e cultural, o que os difere da maioria das comunidades quilombolas, que possuem uma participação quase que inexpressiva da juventude em reuniões de associação, atos políticos e participação em grupos culturais, compostos em grande maioria por pessoas mais velhas;
- A forte ligação da comunidade com a religiosidade e a manutenção de um centro de umbanda dentro da comunidade também é um dos aspectos que contribuem na formação identitária de seus indivíduos, uma vez que é um dos meios pelo qual a influência da cosmovisão africana se faz mais presente, tendo na relação com os antepassados um aspecto que transcende o tempo presente;
- A participação de crianças e jovens em encontros e mobilizações diversas realizadas pelo movimento quilombola é imprescindível na formação de sujeitos engajados, tendo na troca de experiências e na interação com seus “semelhantes” – ainda que localizados em regiões distintas – identificam aspectos que endossam uma “causa comum”, fortalecendo os laços e criando espaços de socialização que influenciam diretamente na constituição dos sujeitos quilombolas;
- O enfrentamento ao racismo local, somado à história de perda de seu território tradicional diante do conflito entre fazendeiros e posseiros são elementos que reforçam a auto atribuição dos sujeitos quilombolas, que buscam na afirmação identitária e em sua trajetória de resistência e busca por direitos.

CONCLUSÕES

Os processos educativos relacionam-se não somente a dimensão educativa das comunidades remanescentes de quilombos, mas são parte constituintes da identidade de



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

seus sujeitos, de seu engajamento político e em sua concepção e afirmação enquanto “remanescentes de quilombos”. A categorização desses sujeitos antecede quaisquer aspectos jurídico-cultural-social dos indivíduos quilombolas, estando a auto atribuição diretamente interligada à mobilização política e à busca por direitos endossadas pelo grupo.

Os aspectos e valores mantidos pelos grupos remanescentes de quilombos - que constituem e sintetizam parte do universo e da forma de compreenderem e de se relacionarem com o mundo - são imprescindíveis para nos apropriarmos daquilo que seriam os processos educativos, indo do micro para o macro. Um processo dinâmico que se relaciona ao sagrado, à cosmovisão africana enquanto herança, à organização comunitária, à solidariedade, às tradições culturais, à memória e identidade coletiva, à oralidade e demais elementos extremamente relevantes neste processo, ao qual discorreremos ao longo do texto. Todos estes aspectos encontram seus aportes na cosmovisão africana, sendo a forma de compreender e interagir com o universo um aspecto próprio dessas comunidades, mantidas graças à invisibilização ao quais muitas se mantiveram até recentemente.

A reminiscência assumirá papel de suma importância junto ao movimento, uma vez que fornecerá os subsídios, encontrados no passado, para dar legitimidade ao presente, passando estes indivíduos a relacionarem sua luta à busca por liberdade de seus antepassados. Nesse sentido, a designação como sendo remanescentes de quilombos estabelece, de certa forma, a existência de um elo, uma tradição entre passado e presente, considerando que: “A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração [...] Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si” (BENJAMIN, 1996, p. 211). A tradição oral assume papel fundamental de ligação entre passado e presente, sendo responsável pela manutenção de uma memória compartilhada, coletiva.

A educação proposta pelos “coletivos sociais” tem por característica principal a formulação de uma didática própria, construída em suas relações sociais e familiares. Mais do que manterem vivos os saberes herdados de seus antepassados, o processo



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

educativo identificado no interior dos quilombos carrega sua experiência própria, considerando instrumentos específicos para que haja tal processo (ARROYO, 2012).

Conseqüentemente, a invisibilização educacional desses sujeitos acaba por enfatizar uma inexistência de sua luta, de sua trajetória, suas demandas relacionadas às desigualdades que lhes são impostas e, principalmente, sua contribuição para a educação tida como “popular”. Nesse sentido, reconhecer uma educação específica, designada por Arroyo como Outras Pedagogias - forjadas pelo Outro – seria uma forma de dar legitimidade a esses grupos e as suas trajetórias de luta:

De um lado ao lutar por terra, território, espaço, moradia lutam por ocupar os espaços do saber, do conhecimento, da ciência de que foram segregados. De outro lado, ou articuladas a essas lutas, resistem as representações sociais tão negativas com que continuam pensados, avaliados, e reprovados, quando lutam por essa totalidade de direitos (ARROYO, 2012, p. 124).

Portanto, ao se falar de uma modalidade de Educação Quilombola, compreende-se a promoção dessas populações de uma forma mais ampla, estando diretamente relacionada à sua cultura, ao reconhecimento de uma identidade diferenciada e do direito ao território, imprescindíveis na reprodução de seu modo de vida tradicional.

Diante de um histórico de exclusão à educação escolar regular, as comunidades quilombolas desenvolveram formas próprias de educar-se, tendo nos aspectos cotidianos e na transmissão oral dos saberes elementos indispensáveis na formação desses sujeitos. Atualmente essas características inserem-se numa contexto ainda mais amplo, tendo na afirmação daquilo que é designado pelos dispositivos legais como sendo “tradicional”, uma forma de legitimidade e de acesso aos direitos instituídos em legislação específica. Nessa perspectiva, os processos educativos assumem não somente um caráter de manutenção cultural, passando a ser instrumento de reivindicação política mediante afirmação de uma identidade etnicamente diferenciada.



BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel G. Outros sujeitos, Outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2012.

BECKER, Howard, S. Segredos e truques da pesquisa; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CUNHA, Manuela Carneiro. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa; tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUREZ, Gérard. A construção das ciências. Introdução a à filosofia e à ética das ciências. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1995.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.